

Área temática: Empreendedorismo

**PERFIL EMPREENDEDOR DOS ALUNOS DO CURSO DE CIÊNCIAS  
CONTÁBEIS**

## **RESUMO**

No contexto atual, tem sido cada vez mais fundamental que o futuro profissional de contabilidade potencialize seus conhecimentos e habilidades empreendedoras, buscando desenvolver a sua criatividade e entender sobre o processo de tomada de decisão. Dessa forma, definiu-se como objetivo geral da presente pesquisa analisar o perfil empreendedor dos alunos do curso de ciências contábeis. Nesse sentido, foi desenvolvida uma pesquisa descritiva, quantitativa, viabilizada por meio de aplicação de questionário com 28 alunos de uma universidade privada. Os resultados possibilitaram concluir que a maioria dos alunos possui um perfil de “planejador” e de “líder”, denotando dessa forma que os alunos do curso de ciências contábeis da Universidade X são pessoas que se sentem preparadas para o futuro e que a partir de um objetivo próprio, buscam influenciar pessoas a adotarem voluntariamente esse objetivo.

**Palavras-chave:** Empreendedor. Perfil Empreendedor. Ciências Contábeis.

## **ABSTRACT**

In the current context, it has become increasingly fundamental for the future accounting professional to enhance his entrepreneurial knowledge and skills, seeking to develop his creativity and understand about the decision-making process. Thus, it was defined as the general objective of this research to analyze the entrepreneurial profile of students in the course of accounting sciences. In this sense, a descriptive, quantitative research was developed, made possible through the application of a questionnaire with 28 students from a private university. The results made it possible to conclude that most students have a profile of "planner" and "leader", thus denoting that students in the accounting science course at University X are people who feel prepared for the future and that from their own goal, seek to influence people to voluntarily adopt that goal.

**Keywords:** Entrepreneur. Entrepreneur Profile. Accounting Sciences.

## 1 INTRODUÇÃO

O empreendedorismo é um campo emergente de pesquisa que tem recebido atenção especial nas últimas décadas (ALDRICH 2012; ALVAREZ et al. 2016). E nesse sentido, as atividades empreendedoras e os fatores que sustentam sua existência e influência no desenvolvimento econômico regional têm sido explorados por uma ampla gama de autores (ARAUZO; MANJÓN, 2004). Desta forma, parece haver um reconhecimento generalizado de que o empreendedorismo é o motor que impulsiona a economia e a sociedade da maioria das nações (ALBERTI; SCIASCIA; POLI, 2004; ARASTI; FALAVARJANI; IMANIPOUR, 2012). Assim, tanto acadêmicos quanto formuladores de políticas estão se conscientizando da importância do sistema educacional para o empreendedorismo (HANNON et al. 2006).

A inserção do tema empreendedorismo torna-se essencial na formação dos alunos dos cursos de Ciências Contábeis visando firmar as bases e fornecer o devido conhecimento necessário a atuação desse profissional (MATIAS et al., 2013). A inserção dessa temática possibilitará para os estudantes do curso de Ciências Contábeis o desenvolvimento de uma mentalidade de contadores empreendedores, capazes de utilizar as ferramentas e os instrumentos da contabilidade no estímulo a melhores práticas de gestão empresarial, e dessa forma minimizar falhas na gestão dos empreendimentos, fortalecendo a ação empreendedora e minimizando a morte precoce de pequenas empresas (MATIAS; MATIAS, 2012).

Eckert et al. (2013) destacam que no Brasil é cada vez mais frequente a inclusão nos projetos pedagógicos dos cursos de Ciências Contábeis disciplinas específicas sobre empreendedorismo, ou seja, a inserção da Educação Empreendedora (EE), numa tentativa de fazer com que os egressos tornem-se empreendedores. E nesse sentido, questionam até que ponto o conhecimento proporcionado nesses cursos despertam um perfil empreendedor nesses alunos de contabilidade que estão em vias de sair das Instituições de Ensino Superior (IES). Assim, tendo como base esse questionamento, definiu-se como objetivo geral da presente pesquisa analisar o perfil empreendedor dos alunos do curso de ciências contábeis.

Esta pesquisa se justifica por ser uma temática relevante de ser abordada no contexto dos profissionais de contabilidade. Matias e Martins (2012), por exemplo, ressaltam que o tema empreendedorismo necessita ser instigado no contexto dos profissionais de contabilidade.

Desta forma, espera-se que os achados desta pesquisa possam contribuir com a discussão da temática do empreendedorismo na formação dos profissionais de contabilidade, além de suscitar novas idéias para a prática em sala de aula, visando o desenvolvimento profissional de novos contadores empreendedores. Alberti, Sciascia e Poli (2004) destacam que por meio da identificação de vários objetivos da educação para o empreendedorismo, pode-se ter uma compreensão mais profunda das necessidades educacionais, bem como uma escolha mais ponderada de critérios de avaliação e técnicas pedagógicas. E Lee e Wong (2007) destacam que chave para uma educação para o empreendedorismo de sucesso é encontrar a maneira mais eficaz de gerenciar as habilidades ensináveis e identificar a melhor correspondência entre as necessidades do aluno e as técnicas de ensino.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Empreendedorismo

Existem várias definições para empreendedorismo, cabendo destacar a dada pelo Global Entrepreneurship Monitor (GEM, 2014) em que o empreendedorismo é considerado qualquer ato de criação de um novo negócio. Já para Timmons (2005, p. 41), o “empreendedor é alguém capaz de identificar, agarrar e aproveitar oportunidade, buscando e gerenciando recursos para transformar a oportunidade em negócio de sucesso”. Ainda nesse sentido, Hisrich et al. (2009, p. 30) destacam o empreendedorismo como sendo “o processo de criar algo novo com valor, dedicando o tempo e o esforço necessários, assumindo os riscos financeiros, psíquicos e sociais correspondentes e recebendo as consequentes recompensas da satisfação e da independência financeira e pessoal.

De acordo com Parente et al. (2018), o empreendedorismo como um campo acadêmico começou a se formar no início do século 20, quando os economistas observaram o papel emergente dos empreendedores no desenvolvimento econômico. Desde aquela época, o comportamento empreendedor já trazia à mente o interesse e, muitas vezes, a motivação financeira para montar um negócio.

Vários pesquisadores (a exemplo de THURIK; WENNEKERS 2004; VAN STEL 2006; WELTER; LASCH 2008) apontam que o empreendedorismo é um fator fundamental no desenvolvimento econômico, tornando importante entender como os empreendedores contribuem com sucesso para a criação de empregos e a produção e implementação de tecnologias inovadoras.

Nos últimos anos, o campo do empreendedorismo evoluiu do estudo de *startups* e pequenas empresas para abraçar teorias de outros campos e desenvolver novas teorias de comportamento empreendedor em empresas grandes e estabelecidas (ALDRICH 2012; FRANK; LANDSTROM, 2015; KRAUS; RIGTERING 2010). Ele ganhou mais atenção em disciplinas como gestão estratégica, economia e psicologia social.

Em uma extensa revisão de literatura realizada por Ferreira, Fernandes e Kraus (2019) foi observado que o campo do empreendedorismo contém uma gama diversificada de conceitos, em que seis teorias subjacentes de empreendedorismo puderam ser descobertas. O que demonstra que os fenômenos relacionados ao empreendedorismo e tudo o que nele está encapsulado está longe de chegar a um consenso. Apesar disso, essas “ subteorias ” mostram claramente fortes interconexões com o mercado, com as empresas e até mesmo com conceitos históricos como da inovação e da mudança, sinalizando uma pluralidade e uma multidisciplinaridade no campo.

#### 2.1.1 Perfil do Empreendedor

Maia e Amador (2020) destacam que ninguém nasce com todas as habilidades empreendedoras, ou seja, muitas das características pessoais positivas são adquiridas ou melhoradas com o passar do tempo, seja pela vivência, seja por estudo e observação daquilo que acontece no mundo à sua volta. No entanto, é indispensável que se disponha de um mínimo de conhecimentos técnicos para levar a cabo um empreendimento. E dentre as características fundamentais desejadas, Maia e Amador (2020) destacam as pertinentes às mulheres empreendedoras:

- Criatividade - aceitar desafios e buscar soluções viáveis para o equacionamento de problemas;

- Liderança - capacidade de inspirar confiança, motivar, delegar responsabilidades, formar equipes, num clima de positividade, saber partilhar idéias, ouvir, aceitar opiniões, elogiar e criticar pessoas;
- Perseverança - capacidade de manter-se firme num dado propósito, sem deixar de ter a noção dos limites das suas possibilidades, estabelecer objetivos viáveis até mesmo em situações adversas;
- Flexibilidade - capacidade de controlar os seus impulsos ajustando-se quando a situação exigir mudanças;
- Vontade de trabalhar - dedicação plena e entusiasta ao seu negócio com tempo e envolvimento pessoal;
- Auto-motivação - vontade de encontrar a realização pessoal no trabalho e nos seus resultados;
- Organização - compreender as relações internas para controlar o processo produtivo e administrativo de forma lógica e racional; e
- Sentido crítico - capacidade de se antecipar aos problemas principais, analisando-os friamente por meio da avaliação que levem a alternativas de solução.

Para alguns pesquisadores, a exemplo de Hisrich e Peters (2004), o perfil de um empreendedor possui características e histórias exatas, que englobam fatores como independência; controle; motivação; habilidades e histórico familiar, educacional e ocupacional; e desejo de correr riscos. Alguns pesquisadores também tem buscado propor modelos de medição do perfil do empreendedor (a exemplo de BANDURA, 2001; MARKMAN; BARON; BALKIN, 2005; SHANE, 2003). Schimidt e Bohnenberger (2009) propuseram um modelo não só de medição do perfil como também da intenção empreendedora (Quadro 1).

Quadro 1 – Características do perfil do empreendedor

Características	Descrição
Autoeficaz	É a estimativa cognitiva que uma pessoa tem das suas capacidades de mobilizar motivação, recursos cognitivos e cursos de ação necessários para exercitar controle sobre eventos na sua vida.
Assume riscos calculados	Pessoa que, diante de um projeto pessoal, relaciona e analisa as variáveis que podem influenciar o seu resultado, decidindo, a partir disso, a continuidade do projeto.
Planejador	Pessoa que se prepara para o futuro
Detecta oportunidades	Habilidade de capturar , reconhecer e fazer uso efetivo de informações abstratas, implícitas e em constante mudança
Persistente	Capacidade de trabalhar de forma intensiva, sujeitando-se até mesmo a privações sociais, em projetos de retorno incerto
Sociável	Grau de utilização da rede social para suporte à atividade profissional
Inovador	Pessoa que relaciona ideias, fatos, necessidades e demandas de mercado de forma criativa
Líder	Pessoa que, a partir de um objetivo próprio, influencia outras pessoas a adotarem voluntariamente esse objetivo

Fonte: Schmidt e Bohnenberger (2009, p. 7).

Buscando um maior aprofundamento ao modelo proposto e com base na literatura, Schmidt e Bohnenberger (2009) definiram conceitos a partir das características do perfil do empreendedor. O conceito de Autorealização foi o único que incorporou três das oito características do perfil empreendedor, sendo elas: autoeficaz, detecta oportunidades e persistente. As demais características permaneceram cada uma sendo o seu próprio conceito. Assim, o modelo ficou

composto por seis conceitos: autorealização, líder, planejador, inovador, assume riscos e sociável, cuja descrição encontra-se no Quadro 1.

## **2.2 O Profissional de Contabilidade e a Educação Empreendedora**

Alinhado ao crescimento do empreendedorismo no Brasil encontrasse o profissional contábil, que tanto poderá auxiliar o empreendedor na gestão de seu negócio quanto poderá ser um empreendedor (ECHEVERRIA, 2000). Nesse sentido, em um estudo realizado por Matias et al., (2013) foi destacado que a Graduação seria a fase mais apropriada para disseminar e intensificar estudos sobre o empreendedorismo, visto que é nesse período que o indivíduo se encontra em construção acadêmica, estando na fase inicial da vida do profissional em contabilidade. Matias e Martins (2012), explanam que, é fundamental que o futuro profissional de contabilidade potencialize seus conhecimentos e habilidades empreendedoras, que desenvolva a criatividade e entenda sobre o processo de tomada de decisão. Sendo desta forma fundamental uma Educação Empreendedora (EE) para a formação desse profissional de contabilidade.

Cunha e Steiner Neto (2005) destacam que as Instituições de Ensino Superior (IES), desde a sua concepção, sempre tiveram a preocupação de formar profissionais de excelência com foco nas grandes empresas. E desde a crise dos empregos que assolou o Brasil, em meados da década de 80, quando teve início um movimento em volta do empreendedorismo, que os pesquisadores apontaram a necessidade de formar profissionais que fossem capaz não só de atuar em áreas específicas nas organizações, mas que soubessem também como criar o seu próprio negócio. Dessa forma, de acordo com Eckert et al., (2013), se faz necessário que o corpo docente use de diferentes metodologias de ensino com o objetivo de proporcionar informações para os alunos sobre o processo de criação de empresas, valores e atitudes que possam direcionar a prática empresarial.

Nesse contexto, Morris e Liguori (2016), explanam que o surgimento do empreendedorismo ocorreu tão rapidamente que ultrapassou a compreensão do que deve ser ensinado por educadores de empreendedorismo, como deve ser ensinado e como os resultados devem ser avaliados. De acordo com Neck e Corbett (2018) em geral, os alunos adultos se envolvem mais facilmente na aprendizagem ativa de determinado assunto para resolver problemas reais em ambientes reais que sejam relevantes para eles. A conexão com a educação empreendedora é óbvia, mas as teorias de aprendizagem de adultos geralmente ignoram o conceito de prática emergente no vocabulário de ensino de educadores de empreendedorismo (BARON; HENRY, 2010; NECK; GREENE; BRUSH, 2014a, 2014b). Como Neck, Greene e Brush (2014a) observaram em sua pesquisa, para aprender o empreendedorismo é preciso fazer empreendedorismo. No entanto, Billet (2010) relata que o ensino superior tem ignorado a aprendizagem baseada na prática, embora isso não seja surpreendente, dado que a pedagogia domina a educação em todos os níveis.

A teoria da prática é referida como uma "família de idéias" (FELDMAN; WORLINE, 2016) com diferentes concepções do que constitui a prática, dessa forma adotou-se a definição de prática de Billet (2010) como "a encenação dos tipos de atividades e interações que constituem a ocupação" (p. 22). Teóricos da prática são criticados por simplificar demais a prática como um construto único (DALL'ALBA; SANDBERG, 2010), razão pela qual Neck, Greene e Brush (2014a) propuseram uma série de práticas para a educação empreendedora. O que há de comum em todas as práticas é aprender por meio da ação - praticar diferentes aspectos do

empreendedorismo para desenvolver uma mentalidade empreendedora. Dessa forma sugere-se que a prática em EE se relacione com a noção de Pratt (1988) de prontidão do aluno e do compromisso com o processo de aprendizagem.

Neck, Greene e Brush (2014a) ainda destacam os temas considerados mais relevantes para a educação empreendedora: (a) as práticas vistas como performances significativas; (b) as práticas tornando-se o pano de fundo da formação da cultura e do desenvolvimento de hábitos; (c) as práticas requerendo interação humana e social, e (d) as práticas criando um significado compartilhado e uma comunidade de aprendizagem centrada no aluno. Além disso, seu conceito de praticar o empreendedorismo relaciona-se à aquisição de habilidades, conhecimento e mentalidade por meio de atividades deliberadas e práticas, baseadas na ação, que aumentam o desenvolvimento de competências e desempenho empreendedoras.

O crescimento da temática educação empreendedora e a proliferação de cursos não se devem necessariamente a tantos alunos que desejam iniciar negócios, mas sim pelas habilidades e capacidades que se desenvolvem por meio de educação empreendedora, que são transferíveis para todos os tipos de organizações e empreendimentos de carreira. Essa lógica sugere que o empreendedorismo é uma habilidade de vida (COSTELLO; NECK; DZIOBEK, 2012). Empreendedores abrem negócios; portanto, o contexto da EE deve ser a criação de novos empreendimentos. Colocar a criação de novos empreendimentos no centro das atenções diferencia a EE de outras formas de educação progressiva. O impacto da EE pode ser o desenvolvimento de habilidades de vida e mentalidade empreendedoras, mas o contexto de criação de novos empreendimentos deve permanecer (NECK; CORBETT, 2018).

O ensino do empreendedorismo com o objetivo de criar negócios com fins lucrativos, uma missão ou programa socialmente fundamentado, ou desenvolver uma mentalidade empreendedora e habilidades de vida mais amplas, requer prática. Os alunos experimentam e aprendem habilidades empreendedoras somente por meio do envolvimento e da prática dos vários aspectos da criação de novos empreendimentos (NECK; CORBETT, 2018). Dessa forma, a amplitude da prática é aparente e a prática realmente constrói a mentalidade e o conjunto de habilidades necessárias para se envolver em atividades empreendedoras.

### **3 METODOLOGIA**

Seguindo os preceitos de Vergara (2009), a presente pesquisa classifica-se quanto aos fins como descritiva e quanto aos meios como pesquisa de campo. No método adotado buscou-se embasamento em Marconi e Lakatos (2006) que explanam que as investigações que buscam analisar as características de determinados indivíduos mensuradas por meio de variáveis quantificáveis, a exemplo da escala do tipo Likert, se enquadrariam no método quantitativo.

O universo da pesquisa consistiu em alunos do curso de Ciências Contábeis, que estavam cursando o sétimo ou oitavo semestre de uma Universidade Privada, localizada no estado do Ceará. Identifica na pesquisa como Universidade X, visando preservar a identidade da IES. O critério de acesso deu-se por acessibilidade.

O instrumento de coleta de dados consistiu em um questionário que fora elaborado com base no modelo dos seis perfis proposto por Schmidt e Bohnenberger (2009), em que para cada perfil foram elaboradas afirmativas buscando identificar o perfil empreendedor, conforme exposto no Quadro 2.

Perfil	Afirmativas
Autorealização	Frequentemente, detecto oportunidade de negócio no mercado
	Creio que tenho uma boa habilidade em detectar oportunidade de negócio no mercado.
	Tenho controle sobre os fatores para minha plena realização profissional
	Profissionalmente, considero-me uma pessoa muito mais persistente que as demais
Líder	Frequentemente sou escolhido como líder em projetos ou atividades profissionais
	Frequentemente as pessoas pedem minha opinião sobre os assuntos de trabalho
	As pessoas respeitam a minha opinião
	No trabalho, normalmente influencio a opinião de outras pessoas a respeito de um determinado assunto
Planejador	Tenho um bom plano de minha vida profissional
	No meu trabalho, sempre planejo muito bem tudo o que faço
	Tenho os assuntos referentes ao trabalho sempre muito bem planejados
	Me incomoda muito ser pego de surpresa por fatos que eu poderia ter previsto
Inovador	Sempre encontro soluções muito criativas para problemas profissionais com os quais me deparo
	Prefiro um trabalho repleto de novidades a uma atividade rotineira
	Gosto de mudar a minha forma de trabalho sempre que possível
Assume riscos	Sempre procuro estudar muito a respeito de cada situação profissional que envolva algum tipo de risco
	Eu assumiria uma dívida de longo prazo acreditando nas vantagens que uma oportunidade de negócio me traria
	Admito correr riscos em troca de possíveis benefícios.
Sociável	Me relaciono muito facilmente com outras pessoas
	Meus contatos sociais influenciam muito pouco a minha vida profissional
	Os contatos sociais que tenho são muito importantes para minha vida profissional
	Conheço várias pessoas que poderiam me auxiliar profissionalmente, caso eu precisasse

Fonte: Schmidt e Bohnenberger (2009, p.12).

Para a mensuração do perfil do empreendedor utilizou-se de uma escala do tipo Likert de sete pontos. A intensidade do nível de concordância foi determinada mediante a variação de 1 para discordo totalmente e 7 para concordo totalmente (COOPER, SCHINDLER, 2003).

O instrumento foi hospedado na plataforma Google Forms, que constitui uma ferramenta para se criar formulários *online*. Sendo assim, foi encaminhado para os prováveis respondentes, além da carta convite, o link de acesso ao questionário. A coleta de dados deu-se nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2020. Como técnicas de análises fez-se uso de contagem de frequência e média ponderada.

#### 4 RESULTADOS E ANÁLISES

Na Tabela 1, tem-se as afirmativas de autorealização, que de acordo com Alves et al. (2016) pode ser definida como uma atitude direcionada à competição

utilizando padrão de excelência. Atentando para a Tabela 1 observa-se uma maior concentração das respostas nas escalas 5, 6 e 7, tendendo para uma concordância total quanto as afirmativas de autorealização, denotando desta forma que, estes alunos do curso de ciências contábeis são, de acordo com Alves et al. (2016) pessoas com níveis elevados de autorrealização, estão tendenciosos a estabelecerem objetivos desafiadores, a valorizarem o *feedback* e o utilizar para medir seus resultados, tendo um forte desejo de autoeficácia e persistência em tarefas com possibilidade de sucesso.

Tabela 1 – Autorealização

Afirmativas	Escala						
	Discordo totalmente	2	3	4	5	6	Concordo totalmente
Frequentemente detecta oportunidade	0	0	4	9	2	9	7
Crê ter boa habilidade para detectar oportunidade	0	0	4	2	9	10	6
Tem controle realização profissional	0	0	0	7	10	8	6
Considera-se mais persistente profissionalmente	0	0	2	1	8	11	9
<b>Total</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>10</b>	<b>19</b>	<b>29</b>	<b>38</b>	<b>28</b>
<b>Média ponderada</b>	$0+0+30+76+145+228+196 = 675/4 = 168,7/28 = 6,02$						

Fonte: dados da pesquisa (2021).

Já na Tabela 2, tem-se as afirmativas que sinalizam para um perfil de “líder”. E atentando para a tabela observa-se também uma maior concentração nas escalas de concordância (5, 6 e 7), sendo o grau 6 de concordância o mais frequente. Sinalizando assim, um perfil mais forte de líder. Nesse sentido, Leitch e Volery (2017) destacam que o empreendedor é o líder por excelência: ele está constantemente em busca de novas oportunidades e *stakeholders* para explorar essas oportunidades. Para tanto, os empreendedores devem ser capazes de gerar cenários visionários de suas idéias de negócios a fim de selecionar e mobilizar detentores de recursos-chave, bem como de criar valor para seus negócios (GUPTA; MCMILLAN; SURIE, 2004).

Tabela 2 – Líder

Afirmativas	Escala						
	Discordo totalmente	2	3	4	5	6	Concordo totalmente
Frequentemente escolhido como líder	0	4	0	4	8	8	7
Frequentemente pedem opinião	0	0	0	1	6	15	9
Pessoas respeitam a opinião	0	0	0	1	4	20	6
<b>Total</b>	<b>0</b>	<b>4</b>	<b>0</b>	<b>6</b>	<b>18</b>	<b>43</b>	<b>22</b>
<b>Média ponderada</b>	$0+8+0+24+90+258+154 = 534/3 = 178,0/28 = 6,35$						

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Na Tabela 3, tem-se o perfil de “planejador”, e assim como nos demais conceitos já analisados, observa-se uma maior concentração de respostas nas escalas de concordância 5, 6 e 7. No entanto, o perfil de planejador apresentou uma maior frequência na escala 7 de concordância, sinalizando ser este perfil de “planejador” o mais latente nos alunos respondentes.

Tabela 3 - Planejador

Afirmativas	Escala						Concordo totalmente
	Discordo totalmente	2	3	4	5	6	
Tem bom plano vida profissional	0	0	2	4	11	4	10
Sempre planejo muito bem tudo que faço	0	0	1	1	5	11	13
Tem assuntos de trabalho bem planejados	0	0	1	2	6	12	10
Incomoda-se ser pego surpresa que poderia ter previsto	0	1	0	1	7	11	11
<b>Total</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>4</b>	<b>8</b>	<b>29</b>	<b>38</b>	<b>44</b>
<b>Média ponderada</b>	$0+2+12+24+145+228+308 = 719/4 = 179,75 /28= 6,41$						

Fonte: dados da pesquisa (2021).

Já na Tabela 4, tem-se o perfil “inovador” e observa-se também uma maior concentração de respostas nas escalas de concordância 5, 6, 7. No entanto, vê-se uma certa concentração de respostas na escala 4 de concordância, o que faz com que esse perfil não seja um dos mais destacados entre os alunos investigados.

Tabela 4 – Inovador

Afirmativas	Escala						Concordo totalmente
	Discordo totalmente	2	3	4	5	6	
Sempre encontra soluções criativas	0	0	2	3	9	10	7
Prefiro um trabalho repleto de novidades a uma atividade rotineira	0	1	1	8	4	9	8
Gosto de mudar minha forma de trabalho sempre que possível	0	0	0	7	10	8	6
<b>Total</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>18</b>	<b>23</b>	<b>27</b>	<b>21</b>
<b>Média ponderada</b>	$0+2+9+72+115+162+147 = 507/3 = 169,0/28= 6,03$						

Fonte: dados da pesquisa (2021).

De acordo com Ferreira, Fernandes e Kraus (2019), a literatura aponta claramente fortes interconexões do empreendedorismo com o mercado, com as empresas e até mesmo com conceitos históricos como a inovação. E Schumpeter, desde 1934, já argumentava que o empreendedor é uma força impulsionadora do desenvolvimento econômico e pode criar inovações lucrativas. Para ele, desenvolvimento significa a introdução de novas combinações no fluxo circular da vida econômica. Em outras palavras, o empreendedor pode introduzir medidas inovadoras de forma a causar discontinuidades na economia cíclica. Essas combinações introduzidas por empreendedores desenvolvem novas formas de produção, produtos, tecnologias, formas de organização, mercados e recursos para suas produções, definindo assim o desenvolvimento econômico e o futuro do capitalismo (FERREIRA; FERNANDES; KRAUS, 2019).

O perfil “assume riscos calculados”, disposto na Tabela 5, apresentou uma maior concentração de resposta na escala “concordo totalmente”. Mesmo assim, devido a uma forte concentração de respostas na escala 5, esse perfil não figura como um dos mais latentes nos alunos investigados. Para Vianna (2004), o acadêmico que se preocupa com aspectos relacionados à continuidade dos negócios é influenciado pela formação que recebeu na graduação e, dessa forma, sente-se mais preparado para assumir riscos.

Tabela 5 – Assume riscos calculados

Afirmativas	Escala						Concordo totalmente
	Discordo totalmente	2	3	4	5	6	
Sempre procura estudar muito situação de risco	0	0	0	3	8	3	17
Assumiria dívida de longo prazo	1	0	4	7	4	3	12
Admito correr riscos em troca de possíveis benefícios	1	0	3	3	13	6	5
<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>0</b>	<b>7</b>	<b>13</b>	<b>25</b>	<b>12</b>	<b>34</b>
<b>Média ponderada</b>	$2+0+21+52+125+72+238 = 510/3 = 170,0/28 = 6,07$						

Fonte: dados da pesquisa (2021).

E o perfil empreendedor “sociável”, exposto na Tabela 6, apresentou uma maior concentração de respostas nas escalas 4, 5 e 6. No entanto, foi o que apresentou a menor média ponderada quando comparado com os outros cinco perfis analisados. De acordo com Alves *et al.* (2016) esse perfil é muito influenciado pela estado civil, e os casados tenderiam a se identificarem mais com esse perfil pelo fato de terem um maior número de dependentes financeiros o que ampliaria as habilidades sociais deles.

Tabela 6 – Sociável

Afirmativas	Escala						Concordo totalmente
	Discordo totalmente	2	3	4	5	6	
Relacionamento fácil	0	0	0	1	6	15	9
Contatos sociais influenciam pouco minha vida profissional	0	0	4	10	6	7	4
Contatos sociais são muito importante	0	4	7	11	4	1	4
Conheço várias pessoas poderiam me auxiliar	0	0	0	4	11	11	5
<b>Total</b>	<b>0</b>	<b>4</b>	<b>11</b>	<b>26</b>	<b>27</b>	<b>34</b>	<b>22</b>
<b>Média ponderada</b>	$0+8+33+104+135+204+154 = 638/4 = 159,5/28 = 5,7$						

Fonte: dados da pesquisa (2021).

E buscando uma visão geral dos conceitos analisados elaborou-se a Tabela 7. Observa-se na Tabela 7 que o perfil de planejador foi o mais evidenciado com média ponderada de 6,41, seguido do perfil de “líder”, com 6,35.

Tabela 7 – *Ranking* das medias ponderadas dos conceitos

Ranking	Conceito	Média ponderada
1	Planejador	6,41
2	Líder	6,35
3	Assume riscos calculados	6,07
4	Inovador	6,03
5	Autorealização	6,02
6	Sociável	5,70

Depreende-se dessa forma que os alunos do curso de ciências contábeis são pessoas que se sentem preparadas para o futuro e que a partir de um objetivo próprio, buscam influenciar pessoas a adotarem voluntariamente esse objetivo.

## **5 CONCLUSÃO**

Com o objetivo geral de analisar o perfil empreendedor dos alunos do curso de ciências contábeis aplicou-se um questionário com 28 alunos de uma universidade privada. O instrumento de avaliação adotado continha seis perfis (planejador, líder, assume riscos, sociável, autorrealizador, e inovador). Com base nos resultados, observou-se que todos os seis perfis estavam presentes nos alunos do curso de ciências contábeis da Universidade X. O perfil que mais se destacou foi o de planejador, que pode ser explicado pela formação acadêmica e o contato empresarial que os alunos têm no decorrer do curso de graduação. O que denota, de certa forma, a necessidade de se focar de forma mais intensiva em um ensino com foco nos aspectos atitudinais dos alunos.

Já o perfil de líder foi o segundo mais detectado na pesquisa. Dessa forma, supõe-se que a Universidade X tem possibilitado a esses alunos um certo amadurecimento. Em seguida veio o perfil de assumir riscos calculados em que os alunos tem se preocupado principalmente em avaliar muito bem a situação de risco. E essa predisposição em assumir riscos está muito associada aos antecedentes familiares, o que caracteriza a importância na formação pra o desenvolvimento deste perfil.

Já o perfil Inovador apareceu somente em quarto lugar. E talvez esse resultado possa ser explicado pelo fato de muitos alunos do curso de ciências contábeis fazerem o curso com foco em concursos públicos e por isso, adquirem uma aversão a inovação, visto que empreendedor é aquele “que tem capacidade de identificar, explorar e capturar o valor das oportunidades de negócio” (BIRLEY; MUZYKA, 2001, p. 22). E por fim, os dois menos detectados foram autorealizador e sociável. Em relação ao perfil autorealizador este pode ser estimulado em sala de aula por meio da realização de seminários com empresários de sucesso e o exame de estudos de casos.

Concluiu-se portanto, que a maioria dos alunos possui um perfil de “planejador” e de “líder”, denotando dessa forma que os alunos do curso de ciências contábeis da Universidade X são pessoas que se sentem preparadas para o futuro e que a partir de um objetivo próprio, buscam influenciar pessoas a adotarem voluntariamente esse objetivo.

Como limitações da pesquisa tem-se o fato de ser um estudo com base na percepção de um grupo de estudantes de uma única universidade, o que impossibilita a generalização dos dados. Além disso, a maioria das pesquisas realizadas nessa temática buscou analisar o perfil de estudantes graduados que já eram donos do seu próprio negócio e não estudantes universitários. Dessa forma, para futuros estudos, segere-se a realização de pesquisa buscando comparar o perfil dos alunos com o dos egressos que abriam seu próprio negócio.

## REFERENCIAS

- ALBERTI, F. G.; SCIASCIA, S.; POLI, A. Entrepreneurship Education: Notes on an Ongoing Debate. In: 14th Annual IntEnt Conference. **Anais...** University of Napoli Federico II, Italy, 2004.
- ALDRICH, H. The emergence of entrepreneurship as an academic field: a personal essay on institutional entrepreneurship. **Research Policy**, v. 41, p. 1240–1248, 2012.
- ALVAREZ, S. A.; AUDRETSCH, D. L. A. Advancing our understanding of theory in entrepreneurship. **Strategic Entrepreneurship Journal**, v. 10, n. 1, p. 3-4, 2016.
- ARASTI, Z.; FALAVARJANI, M. K.; IMANIPOUR, N. A Study of Teaching Methods in Entrepreneurship Education for Graduate Students. **Higher Education Studies**, v. 2, n. 1, 2012.
- ARAUZO, J. M.; MANJÓN, M. C. Firm size and geographical aggregation: an empirical appraisal in industrial location. **Small Business Economics**, v. 22, p. 299–312, 2004.
- BARON, R. A.; HENRY, R. A. How entrepreneurs acquire the capacity to excel: Insights from research on expert performance. **Strategic Entrepreneurship Journal**, v. 4, n. 1, p. 49–65, 2010.
- BILLET, S. **Learning through practice: Models, traditions, orientations, and approaches**, London, England: Springer, 2010.
- BIRLEY, S.; MUZYKA, D. F. **Dominando os desafios do empreendedor**. São Paulo: Makron Books. 2001
- COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de pesquisa em administração**. 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.
- COSTELLO, C.; NECK, H.; DZIOBEK, K. **Entrepreneurs of all kinds: Elements of the entrepreneurs inside experience**, Babson Park, MA: Babson Entrepreneur Experience Lab., 2012.
- CUNHA, Roberto A. N.; STEINER NETO, Pedro J. Desenvolvendo Empreendedores: o desafio da Universidade do século XXI. In: XI Seminário Latino-Iberoamericano de Gestão Tecnológica. **Anais...** Salvador: 2005.
- DALL'ALBA, G.; SANDBERG, J. Learning through and about practice: A lifeworld perspective. In: Billett, S. (ed.) **Learning through practice: Models, traditions, orientations, and approaches**, London, England: Springer, p. 143–162, 2010.
- ECKERT, Alex et al. O perfil empreendedor na graduação: um estudo comparativo entre ingressantes e concluintes. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 7, n. 2, p. 61-76, 2013.

FELDMAN, M.; WORLINE, M. The practicality of practice theory. **Academy of Management Learning & Education**, v. 15, n. 2, p. 304–324, 2016.

FERREIRA, J. J. M.; FERNANDES, C. I.; KRAUS, S. Entrepreneurship research: mapping intellectual structures and research trends. **Review of Managerial Science**, v. 13, p. 181-205, 2019.

FRANK, H.; LANDSTROM, H. What makes entrepreneurship research interesting? Reflections on strategies to overcome the rigour–relevance gap. **Entrepreneurship and Regional Development**, v. 28, n. 1–2, p. 51–75, 2015.

GEM – Global Entrepreneurship Monitor. **Empreendedorismo no Brasil**. Relatório Executivo, 2014.

GUPTA, V.; MCMILLAN, I.; SURIE, G. Entrepreneurial Leadership: Developing and Measuring a Cross-Cultural Construct. **Journal of Business Venturing**, v. 19, n. 2, p. 241-260, 2004.

HISRICH, Robert D.; PETERS, Michael. **Empreendedorismo**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

KRAUS S.; RIGTERING, C. Corporate entrepreneurship as a company philosophy: the case of “&Samhoud”. **International Journal of Entrepreneurship and Innovation**, v. 11, n. 3, p. 245–249, 2010.

LEE, L.; WONG, P. Entrepreneurship Education—A Compendium of Related Issue, in Zoltan J. Acs & David B. Audretsch. International Handbook Series on Entrepreneurship. 3. (p 79-105). **The Life Cycle of Entrepreneurial Ventures**, 2007. <http://dx.doi.org/10.1007/978-0-387-32313-8>.

LEITCH, C. M.; VOLERY, T. Entrepreneurial Leadership: Insights and Directors. **International Small Business Journal**, n. 35, n. 2, p. 147-156.

MAIA, Teresa; AMADOR, Filomena. **Educação e Desenvolvimento Local Sustentável: um projecto de intervenção em Moçambique**. Disponível em: <[https://scholar.google.com.br/scholar?cluster=15277439042781882657&hl=pt-BR&as\\_sdt=0,5](https://scholar.google.com.br/scholar?cluster=15277439042781882657&hl=pt-BR&as_sdt=0,5)>. Acesso em: 31 out. 2020.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MATIAS, M.; MARTINS, G. Educação Empreendedora em Contabilidade. **Revista Brasileira de Contabilidade**, n. 193, p. 40-53, 2012.

MATIAS, M. A.; COLARES, A. C. V.; ROCHA, P. M.; CARVALHO JÚNIOR, L. E. O ensino de empreendedorismo nos cursos de graduação em ciências contábeis. **Revista Catarinense da Ciência Contábil**, v.12, n.35, p.63-78, 2013.

MORRIS, M. H.; LIGUORI, E. Preface: Teaching reason and the unreasonable. In: Morris, M. H., Ligouri, E. (eds) **Annals of entrepreneurship education and pedagogy**, Northampton, MA: Edward Elgar Publishing, pp. xiv–xxii, 2016.

NECK, H. M.; GREENE, P. G.; BRUSH, C. **Teaching entrepreneurship: A practice-based approach**, Northampton, MA: Edward Elgar Publishing, 2014a.

NECK, H. M.; GREENE, P. G.; BRUSH, C. B. Practice-based entrepreneurship education using actionable theory. In: Morris, M. (ed.) **Annals of entrepreneurship education and pedagogy**, Northampton, MA: Edward Elgar Publishing, 2014b.

NECK, H. M.; CORBETT, A. C. The Scholarship of Teaching and Learning Entrepreneurship. **Entrepreneurship Education and Pedagogy**, v. 1, n. 1, p. 8-41, 2018.

PARENTE, Roberto et al. The epistemology of humane entrepreneurship: Theory and proposal for future research agenda. **Journal of Small Business Management**, v. 56, p. 30-52, 2018.

PRATT, D. D. Andragogy as a relational construct. **Adult Education Quarterly**, v. 38, n. 3, p. 160–172, 1988.

SCHMIDT, S.; BOHNENBERGER, M. C. A efetividade das ações para promover o empreendedorismo: o caso da feevale. **Revista Eletrônica de Administração - READ**, v. 14, n. 1, p. 187-213. 2008.

SCHMIDT, S.; BOHNENBERGER, M. C. Perfil Empreendedor e desempenho organizacional. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 13, n. 3, p. 450-467, 2009.

SCHUMPETER, J. A. **The theory of economic development**. Harvard University Press, Cambridge, 1934.

TIMMONS, J. A. The Fiscal Contract: States, taxes and public services. **World Politics**, v. 57, n. 4, 2005.

THURIK, A.R.; WENNEKERS, A. Entrepreneurship, small business and economic growth. **Journal Small Business Entrepreneurship Dev**, v. 11, n. 1, p. 140–149, 2004.

VAN STEL, A. J. **Empirical analysis of entrepreneurship and economic growth**. International studies in entrepreneurship series, 13. Springer, New York, 2006.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2009.

VIANNA, F. K. **Análise da contribuição do curso de Administração de Empresas do Centro Universitário Feevale na formação empreendedora dos acadêmicos**. 2004, 60 f. Monografia (Graduação em Administração) - Centro Universitário Feevale, 2004.

WELTER F.; LASCH, F. Entrepreneurship research in Europe: taking stock and looking forward. **Entrep Theory Pract**, v. 32, n. 2, p. 241–24, 2008.